Rede Bragantina, ATAVIDA, COOMAR, ECRAMA e parceiros: contribuição integrada à construção do conhecimento agroecológico no nordeste do estado do Pará

Rede Bragantina, ATAVIDA, COOMAR, ECRAMA and partners: integrated contribution to the construction of agroecological knowledge in the northeast of the state of Pará

JORGE, Rosineide Francisca Lima[1]; NASCIMENTO, Leiane Zacarias do[1]; DE ALMEIDA, Thiago Aguiar Queiroz[1]; GHIRARDI, Maria de Nazaré Reis[2]; GHIRARDI, Vincenzino[2]; SÁ, Tatiana Deane Abreu[3]; ABREU, Laura de Figueredo[3]
[1]Rede Bragantina, redebragantinaes@hotmail.com; [2]Escola ECRAMA, escolaecrama@hotmail.com; [3]Embrapa Amazônia Oriental, tatiana.sa@embrapa.br; laura.abreu@embrapa.br

RELATO DE EXPERIÊNCIA POPULAR

Eixo Temático: Construção do Conhecimento Agroecológico

Apresentação e Contextualização da experiência

O sistema agrário do Nordeste Paraense, que contempla a microrregião Bragantina, se caracteriza por frentes de ocupação induzidas por políticas públicas em um processo intenso de exploração dos recursos naturais (VIEIRA et al., 2007). Os impactos decorrentes dessas frentes de ocupação vão se agravando com a abertura da construção da Estrada de Ferro de Bragança. Estudos de Vieira et al. (2007) consideram que a ferrovia facilitou a formação do assentamento de colônias e núcleos agrícolas, assim como o início de uma agricultura extensiva. Por outro olhar, Conceição (2022) atribui à região Bragantina o desenvolvimento de uma região com uma agricultura de forte produção de alimentos, favorecendo a reprodução de inúmeras gerações de agricultores familiares. Uma produção que se obtinha com uso dos agroecossistemas, através da prática de corte e queima da vegetação primária exuberante, com aporte de nutrientes necessários para boa produtividade daqueles produtos. Mas, por outro lado, com perdas ambientais consideráveis. Esses processos vão configurar a dinâmica social, econômica e ambiental da agricultura familiar na região Bragantina. Em consequência, se evidenciam as pautas das organizações e movimentos sociais, reivindicando educação, pesquisa e extensão pertinente às necessidades daqueles impactos que se agravam e se prolongam neste século.

Considerando a relevância do relato dessa experiência e o movimento de importantes atores institucionais e sociais, presentes na região Bragantina, apresentamos aqueles que entre as décadas de 1970 – 1990, direta ou indiretamente construíram ambientes que aproximaram as iniciativas de base agroecológica, na diversidade e complexidade que compõe a agricultura familiar no nordeste paraense.

As Comunidades Eclesiais de Base – CEB's, foram um marco importante para fundar os debates e estratégias de organização social e econômica, em resposta às

formas de colonização do nordeste paraense. Apoiada na base teórica de Paulo Freire, da Teologia da Libertação e da Educação Popular – EP, as CEBs propõem, nas regiões do estado do Pará, a agricultura e o cooperativismo alternativo, como estratégias aos grupos de sua base, os quais se expandiam em defesa dos territórios, das práticas de produção e comercialização opostas àquelas difundidas entre o ensino, a pesquisa e a extensão rural. Assim, proliferam na Bragantina diferentes formas de organização comunitária e de abrangência territorial, dentre as quais destacamos a Cooperativa Mista dos Agricultores(as) Familiares Entre os Rios Caeté e Gurupi – COOMAR, a Escola de Formação Para Jovens Agricultores (as) de Comunidades Rurais Amazônicas – ECRAMA, a Associação Campo Cidade Transformar, Agregar Valores e Vidas – ATAVIDA e a Rede Bragantina de Economia Solidária Artes & Sabores.

Inicialmente, com 37 agricultores familiares, a COOMAR e comunidades oriundas das CEB's, colocam em pauta a saída de jovens do campo, motivada pela ausência de uma educação pertinente e contextualizada às necessidades das populações do campo. Em resposta, surge no ano 2000 a ECRAMA, cujo projeto político pedagógico contemplava além das disciplinas básicas, a agroecologia e a organização social. No período de 2003 a 2010, 275 jovens concluíram o ensino fundamental. Em 2012, o conselho estadual de educação aprova o curso de ensino médio profissionalizante em agroecologia, possibilitando a formação de uma turma (2014-2015) concluinte, com 23 jovens. Em nível de propriedade familiar, os concluintes do curso difundiam práticas de produção de base ecológica, estimulando o surgimento de inúmeras, associação, grupo de mulheres, grupo de jovens guardiães de sementes, grupo de processamento e comercialização da produção, excedente do consumo familiar. Essas trajetórias de cunho coletivo, deu surgimento à ATAVIDA e à Rede Bragantina. A conjuntura externa conduzida pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário – MDA /SAF entre os anos de 2006 e 2015, foi um período importante no processo de surgimento dessas organizações e de outras no nordeste paraense. Bem como, a entrada de parcerias para responder às articulações de educação antirracista e fundiária, como o Centro de Estudos e Defesa do Negro do Pará – CEDENPA, o diálogo com o Projeto Tipitamba – EMBRAPA/CPATU, com capacitação em agroecologia, e a Cáritas Regional Norte II, com apoio aos projetos alternativos comunitários. Destaca-se a presença do NEA Puxirum Agroecológico, trazendo a adesão formal dessa construção, a EMBRAPA/ CPATU. E iniciativa de profissionais, atuando informalmente, a EMATER, escritório local Santa Luzia do Pará, a Universidade do Estado do Pará – UEPA; o CIRAD, pelo projeto Açai´Ação realizando ação educativa ambiental, cultural e econômica.

O objetivo deste relato é compartilhar a importância e contribuição das organizações de agricultores(as) como base para educação em agroecologia, em suas dimensões ecológica, técnico produtiva, socioeconômica e política organizativa. Entre tempos e espaços diversos, resistindo e propondo estratégias de viver, trabalhar e se reproduzir no campo. E, diante de situações complexas e adversas, aproximar instituições estatais e não estatais a pensar e construir coletivamente respostas à sustentabilidade da agricultura familiar no nordeste paraense.

Desenvolvimento da experiência

A busca do desenvolvimento local e territorial sustentável é uma missão que exige metodologias que afetem coração, alma e comum união com os povos do campo. A agroecologia, ciência, prática e movimento social, inspirou nossa opção de compartilhar iniciativas de organização que deram origem à ECRAMA e à Rede Bragantina, e à rede de parcerias articuladas e dinamizadoras da agroecologia no nordeste paraense.

O curso Agroecologia e cidadania, com cinco edições realizadas entre 2016 e 2022, em contextos e conjunturas políticas distintas, entre avanços e recuos, referendou a resistência em que os agricultores (as) elaboram e organizam estratégias de articular a produção, consumo, comercialização, processamento, que se viabilizam em contribuições ao desenvolvimento da agroecologia, muitas das quais, trazendo chão à ciência à inter e transdisciplinaridade (SÁ et al., 2022).

No ano 2003, com os alunos da Escola ECRAMA foi dado início a um trabalho de organização de feira, visando dois aspectos: capacitar jovens para ações de gestão e comercialização e valorizar a produção de sítios de quintais, de produtos da biodiversidade, com a venda direta para os consumidores. O fazer dessa feira envolveu a participação da Cooperativa COOMAR, do Sindicato dos Trabalhadores(as) Rurais de Santa Luzia do Pará, da Associação da Mulher Olímpia da Luz e da Secretaria Municipal de Agricultura. A proposta inovadora desse curso, incluindo outros elementos, além da dimensão ecológica técnico produtiva, se expressava na organização da Rede Bragantina dialogando com movimentos sociais, integrando a família e comunidade de egressos e instituições governamentais ou não. Atores importantes aos propósitos do desenvolvimento local, com protagonismo das organizações de agricultores(as), ampliando e consolidando parceria institucional, no âmbito da extensão acadêmica, da pesquisa agropecuária, além de profissionais voluntários (GHIRARDI et al., 2019).

No período do relato dessa experiência, o olhar coletivo sobre as especificidades dos agricultores(as), procurou responder ao fortalecimento da Rede Bragantina, notadamente, quanto à formação de jovens para o exercício de Agentes de Desenvolvimento Local. Agregando a partilha de saberes do regime de alternância no tempo comunidade, àquelas colhidas na prática de agente, tais observações revelavam a diversidade e complexidade a serem debatidas em cada turma, portanto, trazer parcerias com ações práticas às necessidades expressas, às temáticas ambientais, produtiva, econômica e política em vista de fortalecer agroecossistemas e a organização social local. Esses elementos indicavam transições possíveis de serem construídas a partir das organizações na e entre comunidades articuladas na Rede Bragantina. Os espaços da COOMAR, da ATAVIDA e as parcerias estatais e não estatais foram caminhos para a construção de novos conhecimentos agroecológicos.

Por tais considerações podemos apresentar que esses atores traçavam caminhos de organizações territoriais, a que denominamos de Associativismo em Rede. Definindo como um trabalho de educação do campo, o qual se credita aos egressos da Escola ECRAMA, ao replicar aprendizados fundamentados em princípios e práticas da agroecologia, almejando construir coletivamente novos conhecimentos, mudanças sociais, econômicas e políticas. A execução do projeto *Educação de jovens rurais como agentes de desenvolvimento sustentável / agroecologia e transição para agricultura de base ecológica,* fruto do convênio firmado, em 2006, entre ECRAMA e MDA, com a participação de agricultores familiares, comunidades tradicionais, quilombolas e assentamentos de reforma agrária da região nordeste paraense, iluminou iniciativas de organização da produção alternativa e da comercialização coletiva de produtos diferenciados da sociobiodiversidade da agricultura familiar. Dando vez e voz à organização produtiva das mulheres rurais na ATAVIDA, que realizavam processamento de produtos até então invisíveis no mercado convencional, provenientes do trabalho das agricultoras, e sendo comercializados por elas, colocando-as a caminho da autonomia financeira e da autoestima que os saberes tradicionais lhes conferem à construção de novos conhecimentos sociais agroecológicos. Diálogo com profissionais da área de alimentação, saúde e a UEPA, conduzem ações práticas de segurança alimentar e nutricional, com uso de plantas alimentícias e medicinais da Amazônia Paraense.

Por sua vez, a COOMAR, afirma seu papel comercial nas transações que a legislação não permite às associações. Assim, a Rede Bragantina vai se estruturando com organizações membros de agricultores(as) familiares e parceiras, ampliando o trabalho reivindicado por organizações de base comunitária, que animadas pela mística da educação não formal em agroecologia e pelas motivações de que uma outra economia é possível neste chão da Amazônia, quando os pequenos se organizam.

Os egressos do conjunto de formações da ECRAMA, no exercício de agente de desenvolvimento local, em território de 13 municípios do nordeste paraense, alcançando diretamente em torno de 3600 famílias. Enquanto contribuição indireta, o fluxo de informações geradas pelo associativismo em rede estimulou a criação da Rede Capim, reunindo agricultores familiares, homens e mulheres do campo e da cidade, entre os municípios ao longo da rodovia Belém – Brasília. Do mesmo modo em que animava o associativismo na região do Marajó, municípios de Abaetetuba, Cametá, Boa Vista do Gurupi – Maranhão.

Desafios

Os desafios de ausência de políticas públicas para as escolas do campo em regime de alternância, e a disseminação de práticas de educação em agroecologia, são obstáculos às iniciativas promotoras de desenvolvimento local sustentável. Neste sentido, novas pautas de reivindicação são apresentadas pelos movimentos sociais para a ação dos agentes de desenvolvimento local, à semelhança dos Agentes Comunitários de Saúde – ACS. O diálogo aberto permite, a cada desafio superado,

a entrada de novos parceiros, contribuindo em diferentes níveis, individual ou institucional. Dra Clara Brandão; Dra Terezinha de Jesus, Dr Sérgio Gusmão.

O protagonismo dessa Rede através de seus representantes e a presença de um pesquisador da área de agroecologia com experiência de trabalhos prévios com o grupo, foram fundamentais para estabelecer o escopo tanto da parceria quanto do projeto, que foi viabilizado pelo advento da abertura de uma linha de projetos de Inovação Social Aberta, no conjunto das opções da carteira de projetos da Embrapa. Com o principal viés na área de agroindústria, o projeto prevê a adequação e desenvolvimento de farinhas alimentícias produzidas na ATAVIDA. Tendo em vista que as farinhas alimentícias são produzidas a partir de frutos e tubérculos oriundos de diferentes agricultores familiares e comunidades integrantes da Rede Bragantina, o projeto também aborda as questões sociais, econômicas e agroecológicas que perpassam por toda a cadeia de produção.

Os desafios do projeto incluem: ser um espaço de incentivo ao diálogo entre diferentes parceiros respeitando as suas demandas; contribuir à ampliação da escala de co-construção do conhecimento agroecológico; intensificação da preparação de alimentos saudáveis como apelo territorial; oportunidade de mobilização de políticas públicas calcadas nas demandas territorialmente situadas; contribuir ao atendimento das normas vigentes de produtos alimentícios (incluindo a adequação de estruturas, utensílios e equipamentos) para a pequena escala da agricultura familiar; e atender à burocracia estatal para a execução financeira de projetos aprovados via editais voltados a esse segmento da agricultura.

Principais resultados alcançados

- A Ecrama, a Rede Bragantina e parceiros dessa experiência, se expandindo e contribuindo para a organização de agricultores(as) e construção de novos conhecimentos em agroecologia.

- Grupo de guardiães animam a agricultura familiar, com conservação e trocas de material crioulo (sementes, estacas, rizomas, tubérculos).

- Espaço de comercialização de produtos agroecológicos, em Belém, com potencial para expandir grupos de consumo entre consumidores.

- Participação em eventos decisórios e de acesso a política pública.

Disseminação da experiência

A crise socioambiental e econômica com que a humanidade se defronta, coloca em xeque a forma de produzir ensino, pesquisa e extensão. O chamado deste século a cuidar da “Casa Comum” (Laudato Sí, 2015), é o compromisso de compartilhar e construir novas relações com a natureza e com a humanidade. A disseminação da experiência, dentro e fora do nordeste paraense, acontece pela ação dos egressos

do curso Agroecologia e cidadania, organizações de base da Rede Bragantina. Como reflexo da pluralidade de campos de ação e da interação que caracteriza o conjunto de instituições abordado neste artigo, outros espaços da disseminação das experiências, são resultantes da sua ação integrada. Sendo feita em várias vertentes, em particular, via as instâncias de comunicação, extensão e formação das instituições governamentais e não governamentais parceiras.

Referências Bibliográficas

CONCEIÇÃO, Maria de F. C. **Politicas e colonos na Bragantina, Estado do Para :** um trem, a terra e a mandioca. Belém, Paka-tatu, 2022.

GHIRARDI, Maria. de Nazaré.; FERREIRA, Josie Helen. O.; GHIRARDI, Vincenzino; SÁ, Tatiana. D. de A. **Curso agroecologia e cidadania:** uma experiência de formação por alternância no Nordeste Paraense, Brasil. Cadernos de Agroecologia – ISSN 2236-7934 – Anais do VI CLAA, X CBA e V SEMDF – v. 13, n 1, Jul. 2018.

GHIRARDI, Maria. de Nazaré. R.; SÁ, T.; BRANDÃO, Clara. T.; GHIRARDI, V.; BROWN, Kerri. **Associativismo em Rede:** uma experiência de práticas para Soberania e Segurança Alimentar no Nordeste Paraense – Amazônia – Brasil. Cadernos de Agroecologia, ISSN-2236-7934- Anais do XI Congresso Brasileiro de Agroecologia, São Cristóvão, Sergipe, v. 15, n. 2, 2020.

SÁ, Tatiana. D. de A.; ASSIS, William. S. de; NOBRE, Henderson. G.; MELO JÚNIOR, José G.; SILVA, Luiz M. S.; COELHO, Roberta de F. R.; SOUSA, Romier. da P. **O trem, a agroecologia e a atuação em rede:** caminhos e reflexões para o fortalecimento dos núcleos de estudos no nordeste paraense. Revista Brasileira de Agroecologia, v. 13, n. Esp., p. 310- 326, 2018.

SÁ, Tatiana. D. de A.; SOUSA, Romier. P.; RIBEIRO, Raimundo; MARQUES, Z. Agroecologia na Amazônia: trajetórias, pesquisa, extensão formação e perspectivas no Pará. In: SOUSA, Romier. P.; COELHO, Roberta. F. R.; ROSAL, Luiz. F.; SUZUKI, Julio. C. **Agroecologia.** Diálogos entre ciência e práxis em agroecossistemas familiares amazônicos. São Paulo, SP: FFLLH/USP, 2022, p. 17-49.

VIEIRA, Ima. C. G.; TOLEDO, Peter. M.; ALMEIDA, Arlete. **Análise das modificações da paisagem da região Bragantina, no Pará, integrando diferentes escalas de tempo.** Ciência e Cultura, ano 59, v. 3, p. 27-30, 2007.